

O TEATRO EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: A COMPANHIA ARRUDA

Maira Mariano

Universidade de São Paulo – USP

Teatro brasileiro, teatro de revista.

No início do século XX, o teatro de revista e a opereta prevaleceram sobre o teatro considerado sério e literário. No entanto, aqueles gêneros, classificados como ligeiro e musicado, foram os responsáveis por manter vivo o teatro brasileiro em um período de predomínio de companhias teatrais estrangeiras.

Se a crítica especializada repudiava essa forma de teatro, alegando que seu único intuito era o de fazer rir, o mesmo não se dava com o público, que a aceitava muito bem. Aproveitando esse ensejo, algumas companhias nacionais puderam destacar-se e consolidar seu trabalho, como foi o caso da Companhia Arruda, que priorizava as revistas em seu repertório.

A 25 de julho de 1918, o periódico *A Vida Moderna* publicou um artigo em comemoração ao aniversário de instalação da Companhia Arruda no teatro Boa Vista. O que se afirmava, até o momento, era que todas as companhias organizadas em São Paulo estavam fadadas ao insucesso. A Companhia Arruda, porém, contrariou esses prognósticos.

Sebastião Arruda, paulista de Louveira, ingressou no teatro ainda criança, aos 10 anos de idade e, com o tempo, passou a ser um dos atores mais populares da cidade de São Paulo. Na edição de 12 de junho de 1915, de *O Monóculo*, há uma nota chamando a atenção para o “franco sucesso” da trupe Arruda no teatro Rink. Um mês antes, em 24/04/1915, *O Pirralho* já trouxera um comentário sobre o sucesso da peça *O caça-dotes*, de Fábio Barboza Lima, pela Companhia Nacional Arruda Rocha. Em maio desse mesmo ano, outro Arruda foi elogiado nas páginas de *O Pirralho*. J. Felizardo, ao elogiar o gosto do público paulistano, observou que conhecia bem o público dessa cidade desde 1912, quando ela “acorria ao Santana para ver o Arruda, o Taveira, o Edmundo Silva”. Provavelmente, o Arruda de que falam nessas notas é mesmo Sebastião Arruda.

A fundação da Companhia Arruda surgiu da iniciativa de Arruda e de Abílio de Menezes, em 29 de agosto de 1916, na cidade de Mococa. O elenco, encabeçado por Sebastião Arruda, contava com Abílio de Menezes, José Ribeiro, J. Teixeira, Vicente Felício, Antonio Soares, Agostinho Tavares, Moreno Soares, Celestino Silva, José Capanes, Virgínia Aço, Júlia Lopes, Carmen Ordonez e Alzira Leão.

Conforme o artigo de *A Vida Moderna*, muitas companhias teatrais em início de carreira malogravam diante dos obstáculos a serem enfrentados porque não tinham os elementos necessários para a estabilidade e duração de um grupo. Entre essas dificuldades estaria o “meio”, sempre avesso às tentativas nacionais; o capital preciso para dar continuidade ao projeto; o repertório “velho”; e os

figurinos desgastados de que dispunham para uso. Quanto ao repertório, destaca-se o fato de que eram sempre as “revistas arcaicas” e as “operetas envelhecidas”, comumente resumidas por falta de cenário, figurino e por ausência de vozes.

A Companhia Arruda, todavia, conseguiu enfrentar essas dificuldades. Após excursões pelas cidades do interior, mudou-se para a capital, fazendo temporadas nos teatros São Pedro, Colombo e, por fim, instalou-se no Boa Vista, onde realizou mais de mil e oitenta representações—um número bem significativo, considerando-se as dificuldades enfrentadas pelas companhias teatrais.

As melhores companhias, inclusive as mais ricas e suntuosas companhias estrangeiras, não conseguiam se manter num teatro por mais de dois ou três meses. As mais resistentes conseguiam chegar aos quatro meses de permanência. A Companhia Arruda, ao contrário dessas, ia completar um ano de trabalho no mesmo teatro.

O grupo dispunha de 19 artistas e de 14 coristas. Sebastião Arruda, como elemento principal, compunha o tipo caipira, o “melhor de quantos, no país, tem estudado o tipo caipira” (A VIDA MODERNA, 1918). Leopoldo Prata tinha como especialidade o cafajeste pernóstico. Celeste Reis possuía a desenvoltura, dançava o maxixe e, portanto, era uma ótima atriz para o gênero revista. Os demais, cada um com suas habilidades, contribuíram para o sucesso da companhia.

O corpo de coristas contava com Guilhermina Rodrigues, Alzira Prata, Júlia Doca, Maria Salenda, Irene Dias, Amabile, Theresa Silva, Francisca Rosária, Marina Silva, Estela Bormann, Carmem Ribeiro e Veludo.

A parte musical ficou sob responsabilidade de Chagas Junior e Carlos Paiva.

Da fundação da Companhia até o aniversário em questão, foram encenadas as seguintes peças: *Uma festa na Freguesia do Ó*, 55; *Sustenta a nota*, 46; *Pausinho*, 44; *A Capital Federal*, 43; *Gente Moderna*, 33; *Uma festa em Guabiroba*, 32; *Divina Incredula*, 30; *Sem tirar nem pôr*, 27; *Mulher soldado*, 26; *Tintim por Tintim*, 25; *Picareta*, 25; *O 31*, 25; *Caça dotes*, 24; *Na Piririca*, 22; *Mambembe*, 21; *Rosas de N. Senhora*, 20; *O Recruta do 43*, 20; *A Grande fita*, 20; *Pensão de D. Ana*, 19; *Festa do Divino*, 18; *Sensitiva*, 17; *Eu digo a ele*, 16; *Nhô Zé Maria*, 16; *Mau jeito*, 16; *São Paulo em Fraldas*, 15; *Almirante Negro*, 15; *Pérola encantada*, 14; *Na cara do pai*, 13; *Ribeirão Preto por dentro*, 12; *Nas horas d'estalar*, 11; *Periquito*, 11; *A Grande Avenida*, 11; *Visconde de Pim Pam Pum*, 10; *Eleição d'Amor*, 10; *Off side*, 10; *Casar para morrer*, 10; *Não lhe bulas*, 9; *Panaché Carnavalesco*, 9; *Manduca Cerimônias*, 9; *Alegrias do lar*, 8; *Aliados*, 7; *Rato* 22, 7; *Milagres S. Antonio* (drama), 6; *Candinha*, 6; *Cá e lá*, 5; *Espetáculos variados*, 5; *Milagres S. Antonio* (comédia), 3; *Quincas Teixeira*, 2; *Genro do Caetano*, 2; *A noiva e a égua*, 2; *39 da oitava*, 2; *Entre fidalgos*, 2; *Cinturão elétrico*, 1; *Fado e Maxixe*, 11 (A VIDA MODERNA, 1918).

Danton Vampré, popular revisteiro paulista, teve algumas de suas peças encenadas pela Companhia Arruda, entre elas *São Paulo Futuro*, *Uma festa na Freguesia do Ó*, *Sustenta a nota*, *O Picareta*, *A Gran Via*, *A Pensão de D. Ana*, *O Recruta do 43* e *O que o rei não viu*.

A respeito de *Uma festa na Freguesia do Ó*, o crítico de *O Pirralho* satiricamente informou que a peça não passava de uma “conchamblance cheia de ditos picarescos e arrojados que os nossos avós não ouviriam com muito prazer”. No entanto, não deixou de reconhecer o talento de Sebastião Arruda, ao dizer que esse não precisava da claque para receber os aplausos do público e do *Pirralho* também (O PIRRALHO, 09/1917). Mesmo não sendo bem recebida pela crítica, *Uma Festa na Freguesia do Ó* foi o maior sucesso da Companhia, aliás, a peça que mais vezes foi representada pelo grupo, como mostra a relação acima.

A revista *O Recruta do 43* também foi reprovada pela crítica. À exceção do trabalho de Sebastião Arruda, a interpretação dos atores foi motivo de piada para a imprensa.

O Arruda nas vestes de caipira todo o mundo sabe que é bom mêmô. Faz rir que é um desperpósito. A Beneventi que na peça tem 174 papéis parece o Fregoli ou a Fátima Miris. Aparece vestida, revestida, travestida, que é um Deus nos acuda. (O PIRRALHO, 09/1917).

Na segunda quinzena de outubro, a Companhia encenou, com êxito, *O Picareta*, *O Recruta do 43*, *Uma festa na Freguesia do Ó*, *A Gran Via* e *A Pensão de D. Ana*.

No final de 1917, em novembro, o sucesso do grupo se deu com a representação de *A grande fita*, de Pedro Monte Ablas. A revista foi considerada mais séria e mais limpa que suas congêneres, sem pornografias e um passo, mesmo que tímido, para a regeneração desse gênero de teatro (O PIRRALHO, 11/1917).

A imprensa hesitava ante o sucesso da Companhia: ao mesmo tempo em que festejava o êxito do grupo em um meio dominado por companhias estrangeiras, criticava o seu repertório.

Uma das principais queixas dos intelectuais da época devia-se à preferência do público pelas companhias estrangeiras. Valorizar o elemento estrangeiro e enquadrar-se nos moldes das civilizações européias era indicativo de progresso e desenvolvimento. Concomitantemente, ansiava-se por firmar uma identidade nacional, e ratificar a posição do Brasil como um país independente. Ou seja, dois sentimentos aparentemente incompatíveis conviviam lado a lado.

Devido a isso, encontram-se, nos periódicos do início do século XX, críticas favoráveis e desfavoráveis à Companhia Arruda. As desfavoráveis ficam por conta do repertório, composto principalmente pelo teatro ligeiro e musicado; as favoráveis vêm no sucesso da Companhia a valorização do teatro nacional.

A importância da Companhia Arruda, portanto, foi além de sua popularidade junto ao público, já que impulsionou o teatro nacional. Ademais, propiciou a montagem de peças que

fortaleceram o movimento nacional-regionalista, cujo intuito era combater a europeização, através da valorização dos elementos nacionais. Esse movimento também resgatava a simplicidade da vida no Interior, como um ideal a ser alcançado com toda sua inocência, em oposição à vida na Capital.

Além das peças anteriormente citadas em que Arruda obteve um bom desempenho, vale destacar *Cenas da Roça* e *Flor do Sertão*, de Arlindo Leal.

Na burleta *Gente Moderna*, de Francisco Barroso e Nascimento Filho, Arruda encarnou um tipo diferente de caipira: o caipira rico, o qual ainda não fora explorado pelos revisteiros e burletistas. Segundo o crítico de *O Pirralho*, a peça, “com ares de alta comédia”, foi um dos melhores trabalhos apresentados no Boa Vista (O PIRRALHO 02/1918).

Mesmo em peças que não retratavam a vida no Interior, Arruda não se desfazia do tipo caipira. Este é o caso de *A Divina Incrência*, de Juó Bananére, uma paródia à *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Nesta revista, estão em cena Dante e Virgílio, como os dois compadres, sendo que Virgílio é um caipira.

Durante os dez anos de sua existência, pode-se afirmar, portanto, que a Companhia Arruda colaborou e muito para a valorização do teatro nacional.

Bibliografia

SILVEIRA, Miroel. *A contribuição italiana ao teatro brasileiro: 1895-1964*. São Paulo, Quíron, INL, 1976.

VENEZIANO, Neyde. *De pernas pro ar: O Teatro de Revista em São Paulo*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

A Vida Moderna - 340 25/07/1918.

O Pirralho – 1917-1918.